

Governo eleito pede ao STF suspensão de porte de armas

Medida valeria até o dia 2 e visa reforçar a segurança na posse presidencial. Suspeita de bomba em mochila é descartada

O futuro ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino, afirmou ontem que o governo eleito entrou com pedido no Supremo Tribunal Federal (STF) para suspender o porte de armas de fogo (autorização para levar para espaços fora da residência) no Distrito Federal nos próximos dias. A medida é vista como meio de reforçar a segurança para a posse presidencial, marcada para o domingo, em Brasília.

Segundo Dino, se aprovado o requerimento, os efeitos valem a partir de hoje até o dia 2 de janeiro. Ele disse que a ação é endereçada ao ministro do STF Alexandre de Moraes, relator do inquérito sobre atos antidemocráticos.

– Objetivo é que mesmo que pessoas que sejam eventualmente detentoras de autorização, portadoras, tenham essa suspensão por ordem judicial para que fique configurado que qualquer posse, porte de arma nesse período será considerada crime – explicou.

Dino disse que, com o deferimento, a equipe espera ter mais uma “camada de proteção” para que forças policiais tenham autorização para apreender armamentos e prender em flagrante quem portar armas no período.

Infiltrados

Conforme Dino, o esquema de segurança da posse foi discutido com o governo do Distrito Federal e com a equipe da Polícia Federal. O governador reeleito do DF, Ibaneis Rocha, destacou que todo o efetivo da Polícia Militar estará em condições para atuar na cerimônia de posse do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva. Haverá ainda apoio por parte da Polícia Civil de forma infiltrada, sobretudo, segundo ele, por causa dos “últimos acontecimentos”.

Dino acrescentou que a decisão do presidente diplomado de desfilar, ou não, em carro aberto será tomada no momento da cerimônia de posse.

– Os dois cenários estarão disponíveis no dia. Decisão será tomada no momento, se vai embarcar de carro aberto, de carro fechado.

E acrescentou que “não serão pequenos grupos terroristas, não

“

Não serão pequenos grupos terroristas, não serão pequenos grupos extremistas que vão empregar as instituições da democracia brasileira. Não há espaço para isso no Brasil.

FLÁVIO DINO
Futuro ministro da Justiça e Segurança Pública

serão pequenos grupos extremistas que vão empregar as instituições da democracia brasileira. Não há espaço para isso no Brasil”. Ele afirmou também que, caso não haja desocupação voluntária dos acampamentos bolsonaristas no QG do Exército em Brasília, “pode haver retirada compulsória” (leia mais sobre o assunto na página II). De acordo com Ibaneis, haverá uma aceleração da desmobilização desses acampamentos. Segundo ele, mais de 40 barracas já foram retiradas. José Múcio Monteiro, futuro ministro da Defesa, disse que a tentativa de explodir um caminhão de combustível na véspera de Natal foi um ato de terrorismo isolado e destacou que as manifestações em frente ao quartel do Exército são pacíficas.

– Quanto mais se der a desmobilização de modo compactado mediante conciliação, melhor – ponderou Dino, em entrevista ontem, ao lado de Ibaneis e Múcio.

O futuro ministro da Defesa afirmou que as forças de segurança estão realizando um monitoramento diário dos acampamentos e, de acordo com a avaliação das pessoas que estão acompanhando as manifestações, o movimento é cada vez menor.

Análise

Mas o clima de tensão na capital federal ainda é significativo. Ontem, a polícia encontrou uma mochila abandonada próxima a um local de armazenamento de gás de um dos hotéis do Setor Hoteleiro Norte, área central da cidade. Havia suspeita de bomba. Após análise do esquadrão antibomba da PM, foi descartada. A verificação constatou que se tratava apenas de objetos de uso pessoal.



Dino (C), ao lado de Ibaneis (E) e Múcio (D), cobrou a desmobilização de acampamentos em frente a quartéis

Investigação apura ao menos seis pessoas

Pelo menos seis pessoas teriam tido participação na tentativa de praticar um ato terrorista na capital federal para tentar provocar “caos” e impedir a posse do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva.

Preso pela Polícia Civil do Distrito Federal no último sábado, George Washington de Oliveira Sousa, 54 anos, detalhou aos agentes como foi planejada a ação que resultou na instalação de uma bomba em um caminhão de combustível próximo ao aeroporto de Brasília.

Gerente de um posto de gasolina no Pará, Sousa revelou que, além dele, outros quatro homens e uma mulher sabiam da fabricação da bomba. Segundo o investigado, a ideia de provocar uma explosão surgiu no dia 23, no acampamento de bolsonaristas na frente do Quartel-General do Exército, quando uma “mulher desconhecida” teria sugerido aos manifestantes que fosse instalada uma bomba na subestação de energia na cidade de Taguatinga, nos arredores de Brasília.

Sousa contou que foi ao local da subestação numa picape Ranger branca de um dos manifestantes. Feito o reconhecimento, ele alega

“

Temos um grande sistema de inteligência voltado para grandes eventos. Para todos aqueles que estiverem pensando em algo parecido (à tentativa de atentado com bomba próximo ao aeroporto de Brasília no último sábado), podem ter certeza de que serão reprimidos.

IBANEIS ROCHA
Governador reeleito do Distrito Federal

que o plano não avançou porque a mulher não teria providenciado um carro para a operação.

Um homem de nome Alan teria se voluntariado, então, para levar a bomba. Como teria sido constatado que havia dificuldade em instalar o explosivo na subestação, foi decidido que o alvo seriam postes de transmissão de energia próximos. Sousa disse aos policiais que contou aos demais manifestantes que tinha explosivos. O material havia sido entregue a ele em Brasília por um fornecedor do Pará.

Também segundo Sousa, ainda no dia 23, por volta das 11h30min, “um manifestante desconhecido”

que estava acampado no QG Ibe entregou um controle remoto e quatro acionadores.

– De posse dos dispositivos, eu fabriquei a bomba – admitiu no depoimento.

Sousa alega que entregou o explosivo a Alan, com o pedido para que fosse levado à subestação de energia. Ele diz que só ficou sabendo pela televisão que a bomba tinha sido levada ao aeroporto.

No mesmo depoimento, Sousa disse que se registrou como CAC (coleccionador, atirador profissional ou caçador) para comprar armas. Ele alegou que foi a Brasília para protestar contra eleição de Lula e afirmou que, ao viajar de carro do Pará para a capital federal, levou o arsenal apreendido pela polícia no dia da prisão.

O detido reforçou que a ideia do atentado era de provocar um “caos” na capital, para estimular as Forças Armadas a intervir e decretar estado de sítio, impedindo a posse do presidente eleito – e já diplomado.

O governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, disse ontem que a Polícia Civil já identificou o suspeito de ajudar a montar o artefato e acredita que tenha fugido da capital federal.

Veículo: Imprensa -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Tensão em Brasília **Página:** 10